



nara roesler

JAIME LAURIANO

solo artrio 2023

pavilhão mar
estande s8

preview
quarta-feira, 13 de setembro

aberta ao público
14–17 de setembro

marina da glória
av. infante dom henrique, s/n
rio de janeiro

A convite do curador Ademar Britto, o artista Jaime Lauriano apresenta um projeto concebido especialmente para o programa SOLO da ArtRio 2023. Em paralelo à exposição do artista em exibição no Museu de Arte do Rio – MAR, a apresentação reúne desdobramentos de pesquisas desenvolvidas pelo artista nos últimos anos, além de obras inéditas.

A poética de Jaime Lauriano revisita símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira, tensionando-os a partir de proposições críticas capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. O artista aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, com especial perversidade, em indivíduos racializados.

A apresentação inclui dois trabalhos inéditos da série *Pedras Portuguesas*, desenvolvida desde 2017, na qual o artista, porinscreve os nomes de antigos portos de saída de pessoas escravizadas, fundados por Portugal ao longo da costa africana, como *Cachéu* e *Calabar*. Amplamente empregadas em calçamentos no país ibérico e posteriormente sendo exportadas também para países lusófonos, as pedras portuguesas utilizadas desta forma pelo artista evidenciam a centralidade do tráfico de escravizados para a sedimentação da colonização.

As pedras portuguesas também integram o trabalho *Colonização # 2*. Dessa vez, no entanto, aparecem reproduzidas em latão fundido e depositadas sobre um alguidar ao lado de objetos

da umbanda e do candomblé, manifestações típicas da espiritualidade afro-brasileira. Desse modo, um símbolo associado à colonização aparece transformado fundido à uma tradição de matriz africana, um tropos de resistência e potência dos descendentes da diáspora africana no Brasil.

A obra inédita *Primeira Missa, Primeiro Índio Abatido* (2023) é um desdobramento de uma série recente em que o artista, ao lado de seus assistentes Nina Horikawa e Pablo Vieira, cria releituras de grandes pinturas históricas dos séculos XIX e XX, de caráter acadêmico e oficialesco, que representam e idealizam fatos da História do Brasil. A pintura em questão, é uma releitura de *A Primeira Missa no Brasil*, pintada por Victor Meirelles em 1861. Seu propósito original era o de criar uma imagem oficial do evento, originalmente ocorrido no Século XVI, e que acabou escolhido como ato fundacional do país. Jaime Lauriano, contudo, altera propositalmente a cena, a começar pelo título, que extrai da letra de “Toda Menina Baiana”, música de Gilberto Gil. Suas alterações buscam remover o caráter fortemente idealizado da cena e acrescentar outros elementos, muitos deles contemporâneos, de forma a mostrar os problemas e implicações causados por esse episódio histórico, muitos deles vigentes até o presente.

Na série também inédita *Nunca foi sorte, sempre foi Exu*, concebida especialmente para o programa SOLO da feira, Lauriano, que ao longo de sua trajetória ficou conhecido por trabalhar com imagens amplamente familiares à sociedade,

se serve pela primeira vez de elementos de natureza autobiográfica. O ponto de partida dessa sequência é um conjunto de fotografias produzidas pelo avô do artista na segunda metade da década de 1980, quando o mesmo registrava o cotidiano familiar, em especial a profissão de sua esposa, avó de Lauriano, que era boleira e assim, se encarregava de preparar os bolos de aniversário para todas as crianças da vizinhança, incluindo do próprio neto.

A partir dessas fotografias, Jaime elabora uma série de desenhos feitos com pomba – giz usado em terreiros de umbanda – sobre esses momentos referentes a sua infância denotando uma espécie de ritual de memória pessoal-coletiva Nas palavras da artista: “me chamou a atenção um bolo que ela fez para um de meus aniversários e que trazia um retrato meu desenhado. Algo simples, mas que hoje poderia ser lido como uma manifestação artística decolonial”.

A obra evidencia uma das facetas mais perversas do racismo, que é o fato de vitimar incontáveis crianças e jovens negros. No caso da cidade do Rio de Janeiro, onde o trabalho será mostrado pela primeira vez, têm sido frequentes os assassinatos e massacres de crianças negras por parte das polícias militares. Assim, pensar em infâncias negras é o que motiva essa nova série.



Primeira missa, primeiro índio
abatido também, 2023
tinta acrílica, adesivos, impressão
jato de tinta, miniaturas em chumbo,
estampas sobre mdf
160 x 200 x 3 cm





Adorei as almas e as almas me atenderam, 2022
tinta acrílica, adesivos, gravura, miniatura em chumbo,
estampas, canecas de ágata e fita auto adesiva
reflexiva prateada sobre mdf
87 x 90 x 4,5 cm





A





Vestimenta de caboclo
é samambaia, 2022
tinta acrílica, adesivos, ilustração,
estampas e fita autoadesiva
reflexiva dourada sobre mdf
100 x 115 x 3 cm





Nunca foi sorte # 2, 2023
tinta acrílica, adesivos, impressão
jato de tinta, miniaturas em chumbo,
estampas sobre mdf
90 x 120 x 3 cm







Nunca foi Sorte, Sempre foi Exu!

Axé
Axé
Axé



Nunca foi sorte # 1, 2023
tinta acrílica, adesivos,
impressão jato de tinta,
miniaturas em chumbo,
estampas sobre mdf
90 x 120 x 3 cm





Colonização # 2, 2022
apoti, esteira de palha taboa,
alguidar e 28 pedras portuguesas
fundidas em latão
edição 3 de 5
53 x 34 x 34 cm







Pedras portuguesas
15 (Calabar), 2023
pedras portuguesas,
caixa de ferro e cimento
10 x 100 x 34 cm



Pedras portuguesas
12 (Cacheu), 2023
pedras portuguesas,
caixa de ferro e cimento
10 x 100 x 34 cm





WIKI
MUSE
ROSLER
LUCAS
LUCAS



CALABARR

CACHED

Padrão dos descobrimentos, 2023
base de tijolo vermelho e réplica
do padrão dos descobrimentos fundida
em latão e cartuchos de munições
edição de 5 + 2 PA
12 x 22 x 10 cm





jaime lauriano

n. 1985, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Por meio de vídeos, instalações, objetos e textos, Jaime Lauriano revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira, tensionando-os a partir de proposições críticas capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, com especial perversidade, em indivíduos racializados. Nesse sentido, o artista se debruça sobre os traumas históricos de nossa cultura, compreendendo suas complexidades a partir do agenciamento de imagens e discursos provenientes das mais diversas fontes, sejam aquelas tidas como oficiais, como veículos de comunicação e propagandas de Estado; como as extra oficiais, como vídeos de linchamentos compartilhados pela internet.

Sua crítica se estende da macropolítica das esferas do poder oficial à micropolítica. Lauriano pensa o trauma não só em sua dimensão temporal, mas também espacial, valendo-se de formas de mapeamento a fim de questionar as disputas e construções territoriais coloniais. Outra dimensão de seu trabalho é a conexão com religiões ancestrais de matriz africana. O artista emprega signos e símbolos desses rituais, como a pomba branca, utilizada na feitura de seus mapas, compreendendo como a esfera religiosa foi fundamental para a resistência dos escravizados, servindo como espaço de manutenção de suas relações com o território ancestral.

exposições individuais selecionadas

- *O Infinito é Aqui*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Paraíso da miragem*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2022)
- *Marcas*, Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil (2018)
- *Brinquedo de furar moletom*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2018)
- *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Impedimento*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- 37ª Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2022)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, National Gallery of Art, Washington DC, EUA (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, Museum of Fine Arts (MFAH) (2022), Houston, EUA (2022)
- 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Quem não luta tá morto – arte democracia utopia*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Levantes*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2017)

coleções selecionadas

- Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Schoepflin Stiftung, Lörrach, Alemanha

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art